

REPÓRTER L&I

Clécio Max

Greenpeace

Em pleno Reinado de Momo, ambientalistas baianos e representantes do Greenpeace encontraram um tempinho para avaliar os níveis e efeitos da poluição industrial nos rios e mares da Bahia. A reunião foi no dia 11 último, em Salvador, a bordo do navio *MV Greenpeace* e os temas em destaque foram o "Programa Bahia Azul", o Pólo Petroquímico de Camaçari e o Pólo de Celulose no Extremo Sul do estado. A atividade faz parte da expedição global do Greenpeace de combate e denúncia da poluição industrial nos rios e mares, uma campanha iniciada no ano passado na Argentina, que vai percorrer vários pontos do planeta. Como não podia deixar de ser, a poluição na Baía de Todos os Santos (BTS) também foi questionada e mais uma vez se fez um alerta sobre a necessidade de reverter esse quadro, antes que os danos a esse importante berçário de manguezais sejam irreversíveis. Contrariando o Centro de Recursos Ambientais (C.R.A.), que acha que a BTS é um "santuário ecológico", o Greenpeace constatou que estamos à beira de um colapso ecológico.

No encontro, representantes da Assembleia Permanente das Entidades em Defesa do Meio Ambiente (Apedema/BA) e do Fórum Bahia apresentaram dados aos integrantes do Greenpeace, confirmando os altos índices de poluição da Baía de Todos os Santos, a maior do Brasil, com uma área aproximada de 900 Km² e um perímetro de 200 quilômetros de extensão. Começa na Ponta do Padrão, como era chamado o local onde está hoje o Farol da Barra, e vai até a Ponta do Garcez, na foz do Rio Jaguaribe, no município do mesmo nome. A BTS banha, ao todo, 15 municípios, conta com 35 ilhas e corais (ilhotas). Recebe águas de 21 rios.

Mas não é só isso. Diariamente a BTS também recebe, direta ou indiretamente, uma vazão de mais de 600 mil metros cúbicos de efluentes líquidos orgânicos e inorgânicos provenientes de mais de 50 indústrias, sendo que apenas 21 delas respondem por 99% do consumo de água e geração de efluentes de todo o setor industrial. Isso sem esquecer os esgotos domésticos e o lixo sólido vindos das residências de Salvador e de mais 14 municípios que a circundam. Cientistas garantem que a BTS não está totalmente degradada, mas conta com áreas seriamente comprometidas e que podem piorar sensivelmente caso nenhuma providência seja adotada para impedir a ação das indústrias.

BAHIA AZUL

A Baía de Todos os Santos conta com uma defesa própria que também ajuda a reduzir a permanência de poluentes em suas águas. Isso se dá em função

do alto volume de troca d'água pelo fluxo de maré, cujo valor é estimado em 2,23 bilhões de metros cúbicos por ciclo de maré, ou seja 34,9% do seu volume total. Isto significa cerca de 45% de substituição das águas obtidas num período de dois ciclos de maré e cerca de 59% em três preamares (maré alta). Essa troca é favorecida pela extensão da BTS e da largura de sua entrada, que possui 15 quilômetros na parte mais estreita (entre Salvador e Bom Despacho), chegando a 50 quilômetros na parte mais larga (entre o Farol da Barra e a Ponta do Garcez). No entanto, esse movimento natural não consegue impedir o crescimento da

poluição, como também não é suficiente para promover a limpeza de toda a Baía de Todos os Santos.

Contando com um financiamento de 600 milhões de dólares, oriundos do BID (Banco Interamericano de Desenvolvimento), BNDES (Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social), Over Seas Economic Corporation Fund (do governo japonês) e governo do estado, o Bahia Azul - Programa de Saneamento Ambiental de Salvador e Entorno da Baía de Todos os Santos foi desenvolvido para realizar obras de esgotamento sanitário de origem residen-

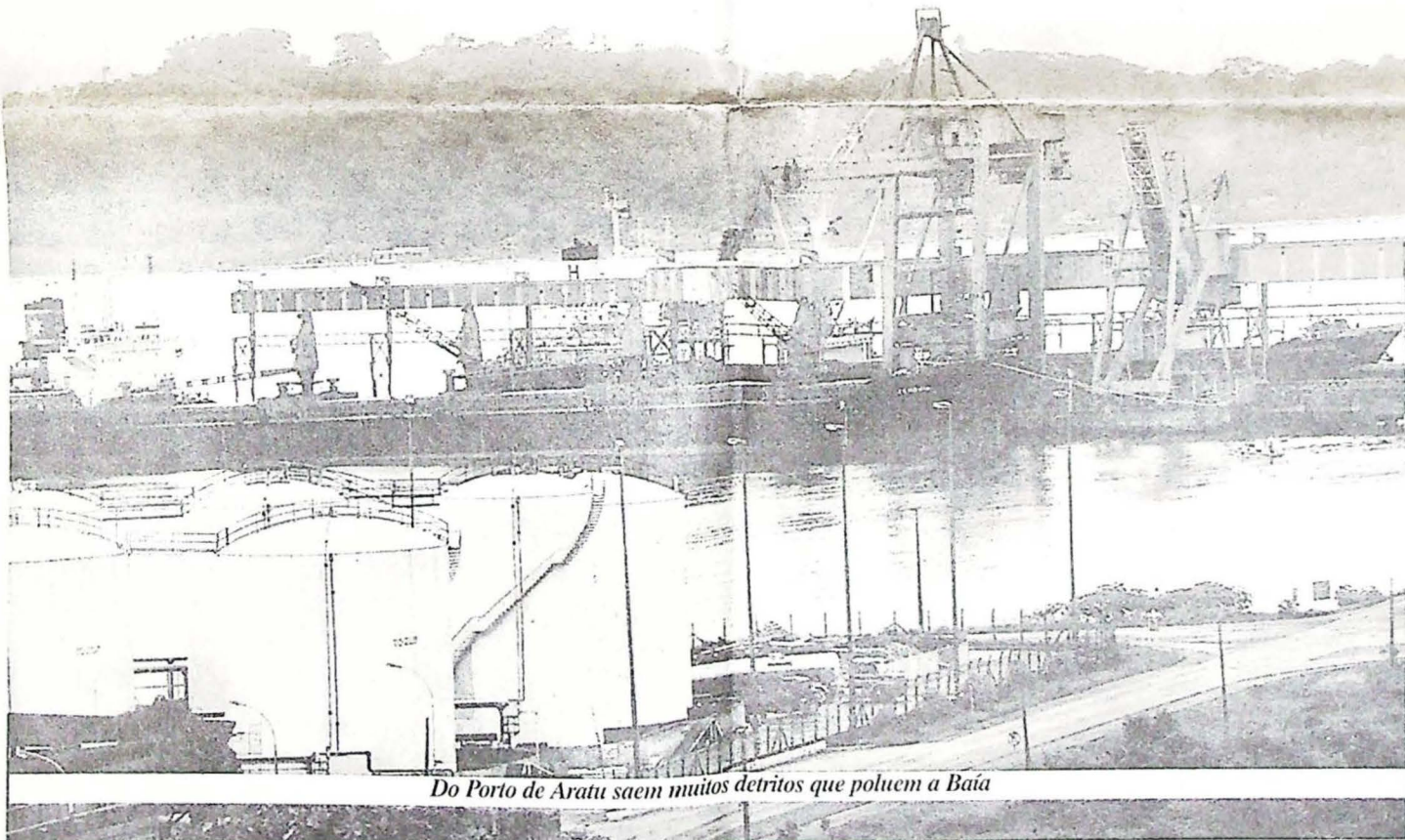
cial e também combater os efeitos da poluição. Durante o encontro no *MV Greenpeace*, os ambientalistas reconheceram o relevante valor ambiental da Bahia Azul, mas denunciaram que "ele limita-se à despoluição de esgotos de origem residencial", disse Jair Gomes, do Crea/Fórum das ONGs Baianas. Para ele, a eliminação dos detritos industriais dependem de medidas eficazes por parte das empresas responsáveis pela poluição da Baía de Todos os Santos. "O Centro de Recursos Ambientais (CRA) recebeu verba do Bahia Azul para atuar como órgão fiscalizador, monitorando a qualidade das águas da Baía, mas a sociedade orga-

nizada deve cobrar e exigir que a limpeza seja realizada".

SILÊNCIO

Essa mobilização e cobrança, segundo Renato Cunha, do Grupo Ambientalista da Bahia (Gambá) vem ocorrendo. No entanto, as autoridades responsáveis insistem em manter o silêncio sempre que são cobradas de suas responsabilidades. "Sabemos que os recursos financeiros existem, mas não temos como acompanhar os resultados porque órgãos como o CRA não divulgam informações sobre o andamento do Bahia Azul", diz, ressaltando que as últimas informações

Foto: Arquivo



Do Porto de Aratu saem muitos detritos que poluem a Baía



Roberto Kishinami: diretor executivo do Greenpeace no Brasil

divulgadas pelo CRA datam de 1997. "Os prazos de alguns termos de compromisso já expiraram e nós não sabemos qual é a situação atual simplesmente porque nos tem sido recusado acesso a esses dados".

Um dos participantes da reunião com representantes do Greenpeace, Renato Cunha acrescentou que nos dias 17 e 20 de fevereiro de 1997 o Fórum Controle Social do Bahia Azul, formado por 22 entidades da sociedade civil, encaminhou ofício ao diretor do CRA, engenheiro Durval Freire de Carvalho Olivieri, cobrando informações a respeito da relação de todos os Termos de Acordos e Compromisso assinados com as indústrias que lançam seus efluentes na BTS e quais os monitoramentos que estão sendo realizados para analisar a qualidade das águas da Baía, dentre outros itens. "Até hoje não tivemos nenhum tipo de resposta, o que nos deixa preocupados". Para o diretor executivo do Greenpeace no Brasil, Roberto Kishinami, "se a Bahia já tem um programa de monitoramento e despoluição, a sociedade civil deve ser informada do andamento das obras. Trata-se de um direito básico. O direito à informação", lembra.

Poluição confirmada

Os primeiros estudos de poluição química na Baía de Todos os Santos ocorreram em 1975, desenvolvidos pelo Instituto de Química da Ufba, juntamente com o Instituto de Biologia da mesma universidade, com incentivo inicial da Fundação Rockefeller. Na ocasião, identificou-se contaminação por mercúrio na Enseada dos Tainheiros. Tempos depois, a Finep financiou um projeto que detectou alta contaminação na região do Rio Subaé por cádmio e chumbo. Em 1985, a Ufba realizou estudos e encontrou novos agentes poluentes na BTS: n-Alcanos, DDT, Hidrocarbonetos Policíclicos Aromáticos (HPAs) e Hidrocarbonetos bifenis policlorados (PCBs). De 1994 a 1996, o Projeto Germem/Nima, (parceria do Grupo Germem com o Núcleo Interdisciplinar do Meio Ambiente da Ufba, com financiamento do Fundo Nacional do Meio Ambiente) colocado em prática pelo Laboratório de Química Analítica Ambiental do Instituto de Química, voltou a realizar análises na BTS e confirmou que a poluição existe, sendo considerada crítica em determinados trechos. Os agentes químicos estão atingindo também determinados tipos de moluscos que são consumidos pelo homem.

Foram estudados os sedimentos superficiais do fundo da BTS, num total de 30 pontos, os sedimentos superficiais da região entre marés e ainda três espécies de moluscos comestíveis num total de 20 pontos. O controle de qualidade dos resultados analíticos foi, em grande parte, procedido pelo Laboratório de Ambientes Marinhos da Agência Internacional de Energia Atômica, em Mônaco. "Os estudos revelaram que o Quadrante Norte, da entrada da Baía de Aratu até o estuário do Rio Subaé, está contaminado por cádmio, chumbo, cobre, n-Alcanos e HPAs. Os moluscos desta região estão impróprios para o consumo continuado, por conta do chumbo, cádmio e HPAs, acima dos níveis recomendados internacionalmente.

Isso representa um risco para a saúde dos consumidores", alerta a professora e pesquisadora Tânia Tavares, do Instituto de Química, coordenadora das pesquisas.

Tânia Tavares acrescenta que o cobre deve estar afetando a produtividade da BTS, particularmente no canal entre a Ilha de Maré e o continente, a leste, onde a concentração do poluente atinge valor de 1,1%. Esse agente químico vem, muito provavelmente, da descarga do concentrado de cobre no Porto de Aratu. "O fundo da BTS, ao norte, está funcionando como um depósito, principalmente para chumbo, cobre, cromo e n-Alcanos. "O retrato atual disponível da distribuição de contaminantes químicos permite a tomada de decisões por parte do governo, das empresas, das organizações ambientalistas e comunitárias, comunidade técnica-científica, assim como do cidadão em nível individual", afirma a professora. Segundo ela, medidas têm que ser adotadas quanto à interrupção das emissões químicas para a BTS e quanto ao consumo de pescados contaminados. "Estudos adicionais têm que ser feitos visando à alocação de fontes, uma avaliação de risco mais fina, ou seja, em nível de compostos individuais para os HPAs ou até mesmo de espécie química para os metais e prognósticos de depuração", orienta Tânia Tavares.

Sobre o Bahia Azul, a pesquisadora da Ufba reconhece sua importância no que diz respeito ao investimento para melhorias no saneamento básico objetivando, principalmente, atingir famílias de baixa renda residentes em Salvador e municípios que circundam a Baía de Todos os Santos. "Não tiro o mérito do programa e acredito que priorizar o saneamento básico foi uma medida acertada. No entanto, não posso concordar com a propaganda do governo que afirma que o Bahia Azul está despoluindo a Baía de Todos os Santos. Isso não é verdade. A ação das indústrias poluentes continua", denuncia.

POLUENTE	EFEITO PRINCIPAL
Arsênio (As)	toxicidade humana média, sendo a forma orgânica mais tóxica que a inorgânica
Cádmio (Cd)	agente cancerígeno, teratogênico que danifica o sistema reprodutivo
Chumbo (Pb)	afeta o cérebro e sistema nervoso em geral, rins, sangue, sistemas digestivo e reprodutor
Cobre (Cu)	muito tóxico ao fitoplâncton, quebra a cadeia alimentar no primeiro elo
Cromo (Cr)	tóxico à fauna marinha sob a forma hexavalente. No homem, provoca dermatites, úlceras cutâneas, inflamação nasal, câncer de pulmão e perfuração do septo nasal
Hidrocarbonetos Policíclicos Aromáticos (HPAs)	tóxicos à cadeia alimentar. Alguns são carcinogênicos potentes
Manganês	distúrbios neurológicos no homem em exposições crônicas de ar
n-Alcanos	afeta o equilíbrio de interface ar/água, água/sedimento
Pesticidas organoclorados (DDT)	alta toxicidade a diversos elos da cadeia alimentar. Recentemente foi correlacionado ao câncer de mama